



Ateliê de História

Palavras - chave:
História Ambiental; Teoria;
Epistemologia.

Resumo: Este texto busca apresentar de forma breve o aparato teórico da História e depois passa a uma sucinta análise de alguns trabalhos que tratam na sua totalidade ou em certa medida com a história ambiental. Para isso, trataremos de utilizar três categorias delineadas pelo historiador norte-americano Donald Worster para caracterizar a história ambiental, nas quais são destacadas diretrizes para uma historiografia produtiva e afinada com duas das principais premissas da história ambiental, a de que a ação humana sempre ocorre no mundo biofísico e sempre possui historicidade.

A HISTÓRIA AMBIENTAL: DA TEORIA À PRÁTICA

Henrique Serra Marcondes¹

Lucas Vinicius Erichsen da Rocha²

INTRODUÇÃO

Afinal de contas, o que é a História Ambiental? A pergunta que nos norteia aqui é essa, mas nada fácil de ser respondida. Pois, ao olhar a imensa bibliografia existente tivemos que escolher o que colocar e o que tirar do texto. Etapa essa muito complicada, por sinal.

Ao particionarmos a História Ambiental, pretendemos ensinar no leitor, que tem afã por conhecê-la, que busque as obras citadas e de mais obras existentes dentro da História Ambiental. O prazer de conhecer um novo conteúdo, um novo campo, só será experimentado por aquele que o fizer, mas se contribuirmos com esse desejo inicial já teremos cumprido com o nosso papel aqui.

Não pretendemos esgotar as explicações sobre esse campo, apenas apresenta-lo de forma breve e introdutória. Partimos então, de uma explanação de seu contexto histórico de surgimento e os problemas desenvolvidos pelos historiadores ao propor uma visão diferente de história. Surgida na década de 1970, essa corresponde a uma ampliação da perspectiva historiográfica, unindo cultura à natureza.

Ao final, gostaríamos de apresentar três trabalhos conforme as três categorias apresentadas pelo historiador norte-americano Donald Worster. Nelas, o historiador destaca os caminhos, em que vê que a historiografia tem trabalhado dentro do campo da História Ambiental.

Falar em História Ambiental é valorizar toda a discussão ambiental do seu período de surgimento e, conseqüentemente, a atual. Em um período em que um personagem da política internacional ironicamente “zomba” das mudanças catastróficas do clima¹, em que desastres ambientais causam prejuízos a várias famílias, sem falar no estrago ambiental por si só, processo esse que já se desenrola por dois anos e sem previsão para punição dos responsáveis e mesmo se encerrar (RICCI, 2018). É imprescindível falarmos em História Ambiental e em todas as discussões levantadas desde então.

1 Acadêmico do curso de História Bacharelado da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG). E-mail: henriqueserra@live.com

2 Doutorando no Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro (PPGHIS-UFRJ). Foi Gastdoktorand (doutorando convidado) do Lateinamerika-Institut (LAI) da Freie Universität-Berlin (FU-Berlin), durante o primeiro semestre de 2018. E-mail: lucaserichsen@outlook.com

3 TRUMP diz que gostaria de 'bom e velho aquecimento global' contra o frio. O globo. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/sociedade/sustentabilidade/trump-diz-que-gostaria-de-bom-velho-aquecimento-global-contr-frio-22237611>> Acessado em: 22 de Abril de 2018.

O FLORESCIMENTO: SURGIMENTO E DISCUSSÕES INICIAIS EM HISTÓRIA AMBIENTAL

A história ambiental surge como campo historiográfico na década de 1970. Período este que está relacionado com uma ampla discussão em escala global em torno das questões ambientais e do crescimento de movimentos ambientalistas entre os cidadãos de vários países. Desta forma a consolidação do campo da História Ambiental está muito ligada a essas discussões que estão presentes nas ruas. Como discute o historiador americano Donald Worster:

[...] ela [a História Ambiental] nasce numa época de reavaliação e reforma cultural, em escala mundial. A história não foi a única disciplina afetada por essa maré montante de preocupações pública: o trabalho acadêmico nas áreas de direito, filosofia, economia, sociologia e outras foi igualmente sensível a esse movimento. (WORSTER, 1991, p. 2)

Essa proximidade com as discussões políticas pode assustar, inicialmente. Mas há que se apontar que o historiador é um produto social, estando inserido nas mais diversas ações da sociedade que o cerca. E o mesmo pode se dizer de suas divagações teóricas e pesquisas. Afinal, o historiador pertence mais ao tempo presente do que ao passado. Vale lembrar o que diz Michel de Certeau:

Certamente não existem considerações, [...] capazes de suprimir a particularidade do lugar de onde falo e do domínio em que realizo uma investigação. Esta marca é indelével. No discurso onde enceno as questões globais, ela terá a forma do idiotismo: meu *patoá* representa minha relação com um lugar (DE CERTEAU, 1982, p. 65).

E, especialmente, nessas discussões deste período, houve uma transformação social em âmbito geral, e ainda mais curioso, dois mundos começaram a dialogar entre si, no caso, o campo acadêmico e a sociedade em geral. Como pontua o historiador brasileiro José Augusto Pádua:

A ideia de “ecologia” rompeu os muros da academia para inspirar o estabelecimento de comportamentos sociais, ações coletivas e políticas públicas em diferentes níveis de articulação, do local ao global. Mais ainda, ela penetrou significativamente nas estruturas educacionais, nos meios de comunicação de massa, no imaginário coletivo e nos diversos aspectos da arte e da cultura. (PÁDUA, 2010, p. 2)

Porém, essa movimentação social que teve seu auge na década de 1970, posteriormente, decaí e torna-se então uma questão acadêmica, simples-

mente, com sua sofisticação e teorias complexas de mais para o público em geral. E, assim, é vista por Worster:

A história ambiental nasceu, portanto, de um objetivo moral, tendo por trás fortes compromissos políticos, mas, à medida que amadureceu, transformou-se também num empreendimento acadêmico que não tinha uma simples ou única agenda moral ou política para promover. Seu objetivo principal se tornou aprofundar o nosso entendimento de como os seres humanos foram, através dos tempos, afetados pelo seu ambiente natural e, inversamente, como eles afetaram esse ambiente e com que resultados. (WORSTER, 1991, p. 2)

Em contrapartida o historiador brasileiro Pádua, amplia a discussão em torno da consolidação da História Ambiental, mostrando que essa cena política e social nascente na década de 1970 não é suficiente para explicar a consolidação do campo da História Ambiental. Questões internas nas academias, como as mudanças epistemológicas acontecidas no século XX, já suscitavam as relações do mundo natural na vida humana. Dentro disso, o autor destaca três importantes mudanças que ocorreram nesse processo:

1) a ideia de que a ação humana pode produzir um impacto relevante sobre o mundo natural, inclusive ao ponto de provocar sua degradação; 2) a revolução nos marcos cronológicos de compreensão do mundo; e 3) a visão de natureza como uma história, como um processo de construção e reconstrução ao longo do tempo. (PÁDUA, 2010, p. 3)

Seguindo esta mesma linha de raciocínio do autor, este afirma que a atenção dada à natureza, não é apenas uma questão levantada na contemporaneidade. Mas uma questão recorrente no mundo Ocidental, remontando à Antiguidade. Ao passo em que as sociedades se assentavam “emergiram incontáveis exemplos de práticas materiais e percepções culturais referidas ao mundo natural” (PÁDUA, 2010, p. 3).

As indagações decorrentes dessa sociedade assumem um caráter filosófico questionando-se sobre qual seria o ponto de interferência do mundo natural no agir do indivíduo. Em contrapartida, a inversão da questão surge apenas com o mundo moderno. Interagindo com processos macro históricos, “[é] o caso da expansão colonial europeia e da incorporação de vastas regiões do planeta, uma grande variedade de territórios e ecossistemas, a uma economia-mundo sob sua dominância” (PÁDUA, 2010, p. 4). Há, também, o processo de transformação urbana-industrial dos séculos XIX e XX, e a

formalização da ciência como modo de compreensão do mundo.

Pádua, ainda discute questões em torno da História Ambiental em relação ao tempo. Diz ele, no século XVIII a ideia de tempo já vinha sofrendo certos abalos. Partindo da interpretação dos textos eclesiásticos se supunha determinada temporalidade da vida terrena em centenas de anos. O que se supõe, posteriormente, passa a casa dos milhões e mais tarde chega a bilhões. A história da vida humana no planeta é muito mais longa do que consagram os escritos eclesiásticos, “é de longuíssima duração”, conceito apresentado por Fernand Braudel (1965), e pego de empréstimo à História Ambiental:

A revolução cronológica nas ciências naturais produziu grande impacto epistemológico nos historiadores ambientais, que vêm buscando metodologias que permitam investigar a história humana em um marco temporal mais amplo. Ou seja, a repensar o lugar do ser humano no quadro mais amplo da história do planeta. Não se trata, por certo, de sempre trabalhar na longuíssima duração. Pode-se fazer história ambiental de períodos relativamente curtos. Mas sempre tendo em mente, ao menos como pano de fundo, a presença de grandes escalas na constituição dos fenômenos que estão sendo analisados. Seja no aspecto natural – com as realidades biofísicas de cada região demarcada para um trabalho de pesquisa –, seja no da formação de populações e sociedades humanas que nela e com ela interagem. (PÁDUA, 2010, p. 8)

Já o historiador brasileiro José Augusto Drummond, em relação ao tempo na História Ambiental propõe uma visão complementar a de Pádua. Ele discute que as ciências sociais não utilizavam as “novas” noções de tempo que propunham a geologia. Fixando nas ciências sociais uma percepção que isolava as sociedades humanas das diversas relações em que possui com o ambiente natural. Em suas palavras:

Para os clássicos das ciências sociais, as sociedades humanas estavam, portanto, fora ou acima da “história natural”, ou do “tempo geológico” adotado a duras penas no estudo dos fatores vivos e mortos da natureza. Se a opção foi consciente ou inconsciente, pouco importa. Importa que é duradoura [...] [dois sociólogos] indagando já na década de 1980 o motivo de as ciências sociais não terem integrado a vanguarda do ‘despertar ecológico’ mundial da década anterior, concluíam que, desde a sua origem, elas adotaram um ‘paradigma da imunidade humana’ (*human exemptionalism paradigm*) aos fatores da natureza. Nele, cada sociedade e a cultura humana em geral são inteligíveis apenas em si mesmas. Nos termos de Durkheim, fatos sociais só podem ser explicados por outros fatos sociais. (DRUMMOND, 1991, p. 3)

Certamente, a História Ambiental rompe com isso e traz a luz para historiografia uma percepção mais ampla das relações humanas. É um meio de pesquisa sem limitações canônicas, como afirma Pádua “é um campo com fronteiras fluídas” (DE CARVALHO; LAVERDI; PÁDUA, 2014, p. 7). Transitando entre geografia histórica, ecologia, antropologia e demais áreas que possibilitem a percepção do indivíduo em relação ao mundo natural. Essa noção de história extrapola os paradigmas vigentes até então. A História Ambiental não se limita aos usuais marcos cronológicos. Assim, ela transita entre várias temporalidades ao ressaltar a historicidade humana em relação com o mundo biofísico.

Ora, a História Ambiental corresponde a uma ampliação dos horizontes dentro da própria História, como exemplifica o historiador Donald Worster:

A história ambiental é, em resumo, parte de um esforço revisionista para tornar a disciplina da história muito mais inclusiva nas suas narrativas do que ela tem tradicionalmente sido. Acima de tudo, a história ambiental rejeita a premissa convencional de que a experiência humana se desenvolveu sem restrições naturais, de que os humanos são uma espécie distinta e ‘supranatural’, de que as consequências ecológicas de seus feitos passados podem ser ignoradas. A velha história não poderia negar que vivemos neste planeta há muito tempo, iria, pôr desconsiderar quase sempre esse fato, portou-se como se não tivéssemos sido e não fôssemos realmente parte do planeta. (WORSTER, 1991, p. 2)

Ainda segundo o mesmo historiador, a História Ambiental se debruça sobre três questões. A primeira trata da natureza em si, como se organizou e funcionou no passado. A segunda busca trazer o elemento socioeconômico e como este interage com o ambiente. E a terceira e última questão, é exclusiva dos humanos e diz respeito ao mundo “mental ou intelectual, no qual, as percepções, valores éticos, leis, mitos e outras estruturas de significação se tornam parte do diálogo de um indivíduo ou de um grupo com a natureza” (WORSTER, 1991, p. 5).

HISTÓRIA AMBIENTAL NA PRÁTICA

Conforme anteriormente indicado por meio de Worster, o historiador ambiental tem de trabalhar conjuntamente com três questões distintas. Assim sendo, apresentaremos sucintamente produções que transitem entre tais categorias.

Nessa primeira categoria poderíamos citar o trabalho do historiador americano William Cronon,

autor que afirma o fato de que nossa presença na natureza é um ato de usá-la e transformá-la (CRONON, 1995). Já em outro trabalho, mas ainda continuando nesta mesma linha, o historiador trabalha com essa relação, indivíduos e natureza:

Para Bonnifield, as tempestades de areia de 1930 foram, sobretudo desastres naturais, quando as chuvas cessaram, as pessoas tiveram que lutar por suas fazendas, suas casas, sua própria sobrevivência. Seu sucesso nessa luta foi um triunfo do espírito individual e comunitário: a natureza fez uma bagunça e os seres humanos a limpavam. A versão de Worster é dramaticamente diferente. Embora as chuvas tenham caído durante a década de 1930, seu desaparecimento expressou o clima cíclico de um ambiente semiárido. A história do Dust Bowl é menos sobre os fracassos da natureza do que sobre as falhas dos seres humanos em acomodar-se à natureza. Uma longa série de mal-entendidos e ataques humanos intencionais levou finalmente a um colapso cujas origens eram principalmente culturais. (CRONON, 1992, p. 1348)⁴

Outro historiador que podemos citar aqui, ainda na primeira categoria, é Simon Schama e o seu trabalho *Paisagem e Memória*. Neste, o autor trabalha em uma perspectiva de Identidade Nacional e Memória, falando em como alguns países construíram uma narrativa nacionalista se utilizando de sua “paisagem”, segundo o próprio “paisagem é cultura antes de ser natureza; um constructo da imaginação projetado sobre mata, água, rocha” (SCHAMA, 1996, p.70). Embora possamos citar inúmeros outros trabalhos, dentre os quais até mesmo *O Mediterrâneo o Mundo Mediterrâneo na Época de Filipe II* do historiador francês Fernand Braudel.

Na segunda categoria gostaríamos de citar dois trabalhos. O primeiro é um artigo de Lucas Vinicius Erichsen da Rocha e Alessandra Izabel de Carvalho, intitulado de: *Maapeando cerceamentos e o lugar da matança animal: o caso do Matadouro Municipal de Ponta Grossa*. E o segundo trabalho de autoria de Karen Cristina Barros dos Santos, intitulado de: *Natureza e Cultura Ordinária de pescadores em Santa Helena/PR*.

Nos dois trabalhos, os autores relacionam elementos socioeconômicos com o ambiente. No primeiro caso, sobre o Matadouro Municipal, que fornecia carne a população em fins do século XIX, a época analisada passava por um período em que o

discurso dentro da cidade, de modernização e progresso, vinha sendo discutido e se propunha que era imprescindível repensar e disciplinar as práticas de matanças. O segundo trabalho, se propõe a refletir sobre a intervenção humana sobre o mundo natural, em uma localidade próxima à Usina de Itaipu; construída na década de 1980. Segundo a autora, “local que possui em suas margens uma quantidade significativa de famílias que extraíam da atividade pesqueira sua maior fonte de sobrevivência” (SANTOS, 2014, p.1).

Na terceira categoria, apresentamos dois autores, Gilberto Freyre e Lévi-Strauss. Em 1937 era lançada a obra do Gilberto, que já em sua apresentação destacava que sua obra era “uma tentativa de estudo ecológico do Nordeste do Brasil” (FREYRE, 1937). E Lévi-Strauss que adentra no campo da ecologia no seu trabalho antropológico.

No trabalho de Freyre, o autor tenta traçar o que chama de “fisionomia daquele Nordeste agrário, hoje decadente, que foi, por algum tempo, o centro da civilização brasileira” (FREYRE, 1937). Trabalho esse que busca a relação do habitante daquela região com a natureza, aquele que é o:

fundador de lavoura e transplantador e criador de valores à sombra da agricultura, ou antes, da monocultura da cana. O homem colonizador, em suas relações com a terra, com o nativo, com as águas, com as plantas, com os animais da região ou importados da Europa ou da África (FREYRE, 1937, p.33).

Do outro lado do Atlântico, Lévi-Strauss apresenta em *O Olhar Distanciado*, a seguinte reflexão:

[...] os materiais brutos que o meio ambiente natural oferece à observação e à reflexão são, ao mesmo tempo, tão ricos e tão diversos que, de todas essas possibilidades, o espírito não é capaz de apreender senão uma fracção. Ele serve-se deles para elaborar um sistema entre uma infinidade de outros igualmente concebíveis; nada predestina um qualquer de entre eles a um destino privilegiado. (LÉVI-STRAUSS, 2010, p. 152)

Nessa direção, Lévi-Strauss sempre visou em seus trabalhos produzir um saber, uma ciência social fundamentada principalmente na linguística e na antropologia um método capaz de prover uma certa inteligibilidade global da humanidade (DOSSE, 2017, p.v). Nesse sentido, é compreensível a relação que

4 For Bonnifield, the dust storms of the 1930s were mainly a natural disaster; when the rains gave out, people had to struggle for their farms, their homes, their very survival. Their success in that struggle was a triumph of individual and community spirit: nature made a mess, and human beings cleaned it up. Worster's version differs dramatically. Although the rains did fall during the 1930s, their disappearance expressed the cyclical climate of a semiarid environment. The story of the Dust Bowl is less about the failures of nature than about the failures of human beings to accommodate themselves to nature. A long series of willful human misunderstandings and assaults led finally to a collapse whose origins were mainly cultural. (CRONON, 1992, p. 1348)

o autor de *O Cru e o Cozido* faz da etnografia com temas que lhe eram muito caros e que muitas vezes acenavam para além do entendimento antropológico até então mais usual:

Por que me esforçaria eu por identificar com precisão as plantas e os animais conhecidos de cada sociedade, as suas utilizações técnicas particulares e, tratando-se de espécies comestíveis, as diferentes maneiras de as preparar: cozidas em água, em estufa ou a vapor, assadas, grelhadas, fritas, ou então secas ou fumadas, para assegurar a sua conservação? (LÉVI-STRAUSS, 2010, p. 151)

Se Claude Lévi-Strauss tentava ir além das fronteiras da antropologia produzida durante o século XX ao também delinear usos de outras espécies animais por parte da espécie humana, algo similar no sentido de transpassar marcos fronteiriços também ocorre na história ambiental quando esta é produzida de maneira a alcançar um público para além da academia.

É o caso do texto *História Ambiental: historiografia comprometida com a vida*. Texto publicado na internet que sem perder a seriedade acadêmica, apresenta o campo da História Ambiental, a interdisciplinaridade da mesma, seus vários pesquisadores ao mesmo tempo em que consegue divulgar para o grande público sobre o conhecimento produzido por um campo acadêmico tão profícuo. Abordagem mais do que necessária quando as ciências, especialmente aquelas dedicadas aos estudos ambientais e/ou ecológicos, são constantemente colocadas em dúvida e descreditadas diante dos sujeitos que normalmente estão fora do ambiente acadêmico ou que não possuem um contato constante com a produção teórica e epistemológica das ciências.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Não damos este trabalho como encerrado, pois ainda há muito que conhecer e refletir dentro da história ambiental. Mesmo de maneira breve, foi possível vislumbrar a amplitude temática deste campo acadêmico, sua complexidade e capacidade de produzir substanciais alianças disciplinares. Características que tornam a história ambiental uma ciência inerentemente interdisciplinar e que sempre parte da premissa de que tudo possui historicidade, ou seja, de que tudo está em perpétua mudança.

REFERÊNCIAS

CRONON, William. A place for stories: Nature, history, and narrative. **The journal of American history**, v. 78, n. 4, p. 1347-1376, 1992.

_____. The Trouble with Wilderness: or, Getting Back to the Wrong Nature. **Environmental History**, p. 7-28. 1995.

BRAUDEL, Fernand. História e ciências sociais: a longa duração. **Revista de História**, v.30, n. 62, páginas 261-294, 1965.

DA ROCHA, Lucas Vinicius Erichsen; DE CARVALHO, Alessandra Izabel. Mapeando cerceamentos e o lugar da matança animal: o caso do Matadouro Municipal de Ponta Grossa. **Antíteses**, v. 10, n. 19, p. 397-424, 2017.

DE CARVALHO, Alessandra Izabel; LAVERDI, Robson; PÁDUA, José Augusto. A dimensão ambiental do conhecimento histórico: Entrevista com José Augusto Pádua. **Revista de História Regional**, v. 19, n. 2, 2014.

DE CERTEAU, Michel de. A operação historiográfica. **A escrita da história**, v.2, p. 65- 109, 1982.

SANTOS, Karen Cristina Barros dos. Natureza e Cultura Ordinária de pescadores em Santa Helena/PR. In: **XIV Encontro Regional de História 1964-2014: 50 anos do golpe militar no Brasil**, 2014, Campo Mourão: Universidade Estadual do Paraná. 2014. Página 2198-2205.

DOSSE, François. **História do Estruturalismo**; tradução de Álvaro Cabral; revisão técnica de Marcia Mansor D'Alessio. – Bauru, SP; EDUSC, 2007.

DRUMMOND, José Augusto. A história ambiental: temas, fontes e linhas de pesquisa. **Revista Estudos Históricos**, v. 4, n. 8, p. 177-197, 1991.

FERRI, Gil Karlos. **História Ambiental: historiografia comprometida com a vida**. Disponível em: <<https://www.cafehistoria.com.br/historia-ambiental-historiografia-comprometida-com-a-vida/>> Acessado em: 22 de Abril de 2018.

FREYRE, Gilberto. **Nordeste**: aspectos da influencia da canna sobre a vide ea paisagem do nordeste do Brasil. J. Olympio, 1937.

LÉVI-STRAUSS, Claude. Cap VII: Estruturalismo e Ecologia”. In: **O Olhar Distanciado**. 2010.

_____. **O cru e o cozido**; tradução de Beatriz Perrone-Moisés. -- 2. ed. -- São Paulo : Cosac & Naify, 2010. (Mitológicas; I)

PÁDUA, José Augusto. As bases teóricas da história ambiental. **Estudos avançados**, v.24, n. 68, p. 81-101, 2010.

SCHAMA, Simon. **Paisagem e memória**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

WORSTER, Donald. Para fazer história ambiental. Revista Estudos Históricos, v. 4, n. 8, p. 198-215, 1991.

WEBSITES

FERRI, Gil Karlos. **História Ambiental**: historiografia comprometida com a vida. Disponível em: <<https://www.cafehistoria.com.br/historia-ambiental-historiografia-comprometida-com-a-vida/>> Acessado em: 22 de Abril de 2018.

RICCI, Larissa. **Vítimas da tragédia de Mariana ainda esperam novas casas e punição dos culpados**. Disponível em: <https://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2017/08/10/interna_gerais,890768/vitimas-da- tragedia-de-mariana-ainda-esperam-casas-e-punicao-dos-culpa.shtml> Acessado em: 22 de abril de 2018.

TRUMP diz que gostaria de ‘bom e velho aquecimento global’ contra o frio. **O globo**. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/sociedade/sustentabilidade/trump-diz-que-gostaria-de-bom-velho-aquecimento-global-contr-frio-22237611>> Acesado em: 22 de Abril de 2018.